

Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Carvalho de Moraes, Maria Dione; Rodrigues Cavalcante, Juliana

Memória social da Batalha do Jenipapo: trilhas e enredos patrimoniais em Campo Maior (PI)

Ciências Sociais Unisinos, vol. 47, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 232-248

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93821299007>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Memória social da Batalha do Jenipapo: trilhas e enredos patrimoniais em Campo Maior (PI)

Social memory of the Battle of Jenipapo:
Tracks and property plots in Campo Maior (PI)

Maria Dione Carvalho de Moraes¹
mdione@superig.com.br

Juliana Rodrigues Cavalcante²
julianarcavalcante01@hotmail.com

Resumo

Na contemporaneidade, há um considerável incremento no campo de referentes culturais a serem "preservados", com a consequente proliferação de instituições/mecanismos acionados ante a ameaça de ruptura/desaparecimento desses referentes, com crescente valorização das identidades locais, e do passado interpelado por circunstâncias e necessidades do presente. No âmbito desse boom da memória, focalizamos o processo de atribuição de sentidos e (re)significações a um evento historiografado, e narrado na tradição oral, como uma luta importante no processo de independência do Brasil: a Batalha do Jenipapo, ocorrida na vila de Campo Maior (PI), na Região Nordeste do Brasil, às margens do riacho Jenipapo, em 13 de março de 1823. Para tanto, abordamos o trabalho polifônico e polissêmico da memória social que se realiza nas convergências e divergências entre história, mito e signos tangíveis, tais como, monumentos difusos, lugares de memória, na cidade de Campo Maior (PI).

Palavras-chave: memória social, Batalha do Jenipapo, patrimônio cultural, tradição oral.

Abstract

Today, there is a considerable increase in the field of cultural referents to be "preserved" and, as a consequence, a proliferation of institutions/mechanisms triggered in face of the threat of disruption/disappearance of these referents, with a growing appreciation of local identities and a questioning of the past on the basis of circumstances and needs of the present. Within this memory boom, we focus the process of assigning meanings to an event narrated by historiography and oral tradition as an important fight in the process of Brazil's independence, viz. the battle of Jenipapo, which occurred in the village of Campo Maior (PI), in the northeastern region of Brazil, on the banks of the River Jenipapo on March 13, 1823. To this end, we approach the polyphonic and multiple work of social memory that takes place in the convergences and divergences between history, myth and tangible signs, as diffuse monuments, places of memory, in the city of Campo Maior (PI).

Key words: social memory, battle of Jenipapo, cultural heritage, oral tradition.

¹ Doutora em Ciências Sociais, professora da Universidade Federal do Piauí, no Departamento de Ciências Sociais; Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (UFP/CCHL) e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (UFP/CCHL), Universidade Federal do Piauí. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, 64049-550, Teresina, PI, Brasil.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (UFP) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (UFP) na linha de pesquisa Cultura, Identidade e Processos Sociais. Universidade Federal do Piauí. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, 64049-550, Teresina, PI, Brasil.

Introdução

A contemporaneidade, com suas acelerações inauditas e imediatismo na propagação da informação, vive, ao mesmo tempo, traumatismos decorrentes de rupturas com experiências tradicionais de lugar, e a emergência de uma mirada patrimonialista (Gonçalves, 1996, 2001, 2002, 2003; Anico, 2005), fenômenos que devem ser vistos em recursividade.

Transformações no plano da temporalidade levam a considerável incremento no campo de referentes culturais a serem "preservados", o que tem produzido uma proliferação de instituições/mecanismos acionados ante a ameaça de ruptura/desaparecimento desses referentes, face à eventualidade da sua assimilação no âmbito de uma cultura híbrida, transnacional, real ou imaginada (Anico, 2005; Appadurai, 1990)³.

Neste contexto, observa-se crescente valorização das identidades locais, muitas vezes sedimentada na nostalgia do passado interpelado por circunstâncias e necessidades do presente. Assim, emergem interpretações, recriações, invenções, mitologias, e ideologias nacionalistas, regionalistas ou localistas, como lugares de memória (Nora, 1993), locais de recordação e reminiscência: formas diversas de monumentos, museus, arquivos, bibliotecas, efemérides, comemorações, rituais. Dessa forma, sociedades lidam seja com a ameaça do esquecimento promovida pela instantaneidade característica da temporalidade pós-moderna, seja com o propósito de transformar referentes culturais em produtos no interior do que se vêm denominando economia da cultura e gestão da cultura (Canclini, 1997; Deheizeln, 2006; Reis, 2007, 2009)⁴.

No âmbito do que Anico (2005) denomina de verdadeiro *boom* da memória, que interpela os atuais debates sobre memória social, identidades e patrimônios culturais, focalizamos, na pesquisa em curso (Moraes e Cavalcante, 2010)⁵, o processo

de atribuição de sentidos e (res)significações a um evento historiografado, e narrado na tradição oral, como uma luta importante no processo de independência do Brasil: a Batalha do Jenipapo, ocorrida na vila de Campo Maior-PI⁶, na Região Nordeste do Brasil, às margens do riacho Jenipapo, em 13 de março de 1823.

Por um lado, esta Batalha é referida por historiadores/as e ensaístas "nativos" (Neves, 1974; Nunes, 1975, Chaves, 1993; Dias, 1999; Fonseca Neto, 2007; Gomes, 2010) como luta sangrenta em defesa da unidade da nação, sendo, na última década, objeto de campanha do Governo do Estado do Piauí⁷, com vistas ao seu reconhecimento nacional. Discursos historiográficos, ensaístas e políticos, de forma quase uníssona, anunciam que na Batalha do Jenipapo ter-se-ia vertido sangue de camponeses, escravos, vaqueiros, sertanejos e sertanejas aliados/as a militares da tropa nacional para enfrentar as portuguesas, estas sob as ordens do Comandante das Armas da Província do Piauí, João José da Cunha Fidié.

Por outro lado, na atual mirada revisionista e desconstrucionista, releituras historiográficas, também nativas, dialogam criticamente com narrativas-mestras desta batalha – tida como combate⁸ por alguns autores (Sousa, 2010) e restrita, em larga medida, ao registro de escritores/as locais. Para Souza (2010, p. 15), esses registros revelam uma discursividade prenhe de questões norteadoras da "piauiensidade" diretamente ligadas às vicissitudes relativas à integração econômico-cultural do Piauí na comunidade nacional. Este elemento mobilizador e reinvindicatório ter-se-ia tornado uma "ferida narcísica não cicatrizada" (Sousa, 2010, p. 30) em uma longa tradição de escritores/as locais que se estende à atualidade numa "retórica do abandono oficial e do isolamento geográfico" (Sousa, 2010, p. 30). A discursividade nativa seria reorganizadora de antigas representações e formuladora de outras que se fundem em torno do

³ A propósito, ver Smith (1990) e a problematização da ideia de uma cultura global.

⁴ O pós-Segunda Guerra Mundial marcou o início de uma transformação nos processos de ativação patrimonial. Uma nova sensibilidade emerge em face dos referentes culturais patrimonializáveis, em potencial, (res)significando usos e sentidos a objetos, modos de vida, saberes e lugares. A partir de então, as novas formas de consumo cultural apresentam como característica a procura da autenticidade e da tradição (Anico, 2005).

⁵ Retomamos, em 2010, um processo iniciado em 2007 (Moraes *et al.*, 2007) cuja pesquisa, por vários problemas de ordem operacional, não foi concluída, embora tenha gerado: 1/ um projeto de iniciação científica com bolsista (PIBIC/CNPq), que produziu seu relatório final (Silva, 2008) e um artigo (Moraes *et al.*, 2007).

⁶ Município criado pela Carta Régia de 19 de junho de 1761, na antiga povoação de Santo Antônio do Surubim. Dista 84 km da capital do estado e localiza-se na Mesorregião Centro-Norte Piauiense e na Microrregião Campo Maior (mapa, Anexo 1). No âmbito da Política Estadual de Desenvolvimento Territorial, situa-se no Território Carnaubais. Possui população total de 45.177, sendo 33.521 urbana e 11.656 rural (IBGE, 2010). Sua base econômica vincula-se ao Sistema Agroindustrial da Carnaúba (Moraes e Vilela, 2009) e à agropecuária.

⁷ A publicação de um capítulo sobre o tema (Gomes, 2010) – autor homenageado com a Comenda aos Heróis do Jenipapo nas comemorações do 13 de março de 2011 – e a sessão solene do Senado em 14 de março de 2011 (Ver cópia do convite, Anexo 2) podem ser vistos como indícios desta campanha.

⁸ Na etimologia do termo, na acepção militar, batalha refere "combate entre forças oponentes, em terra, no ar e/ou no mar" e, ainda, é um "combate especialmente importante ou decisivo". Quanto a combate, significa: "luta entre forças militares, de extensão menor que a batalha e travada em espaço restrito entre grupos pouco numerosos". Guerra refere: "(i) luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos" e "(ii) qualquer combate com ou sem armas; combate, peleja, conflito" (Instituto Antônio Houaiss, 2001). Nesta pesquisa, adotamos o nome pelo qual o evento ficou conhecido: Batalha do Jenipapo.

evento sociopolítico tido como dos mais significativos da história piauiense⁹.

O trabalho de desconstrução da perspectiva historiográfica foge aos limites deste artigo, embora não a ignoremos ao acercarmo-nos do tema em interlocução com a historiografia e o ensaísmo¹⁰. No entanto, privilegiamos, aqui, dimensões da memória social da Batalha, sobretudo, presentes na tradição oral e em signos e símbolos tangíveis, como uma paisagem textual no imaginário social em Campo Maior: Monumento aos "Heróis do Jenipapo", Cemitério das "Almas do Batalhão", estabelecimentos de ensino, comerciais, logradouros públicos, dentre outros, na relação com a tradição oral (Vansina, 1982; Alberti, 2005; Godoi, 1999).

Interessa, sobretudo, apreender como este trabalho da memória (Halbwachs, 1990; Freud, 1976a; 1976b; Yates, 1975; Fentress e Wickham, 1994; Connerton, 1993; Bosi, 1994; Godoi, 1999; Moraes, 2000) constitui teias de significações, marcadores identitários e patrimônios culturais (Canclini, 1994; Choay, 2001; Correa, 2008) na tessitura do material (lugares, edificações) com o simbólico (Legros *et al.*, 2007). O pressuposto de que o narrador (Benjamin, 1975), na recriação da memória coletiva, estabelece vínculos desta com o ambiente no qual o lúdico da transmissão se instala, levou-nos a perguntar: como se configura a memória social entre inscrições historiográfico-ensaísticas e monumentais¹¹, e a tradição oral (ou tradições orais) da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior? O conjunto de expressões compõe uma memória tangível, difusa, articulando história e tradição oral em reverberações mútuas, em recursividade (Morin, 1998 [1984]), dialogismo (Bakhtin, 1979, 1996) e circularidade (Ginzburg, 1987).

O objeto de estudo se abre para múltiplas dimensões da vida quotidiana (Schutz, 1979; Morin, 1998 [1984]) de atores sociais em interação simbólica (Oliveira, 2007; Legros *et al.*, 2007). Assim, aliamos explicação e compreensão (Morin, 1998 [1984]) numa hermenêutica textual do fenômeno cultural (Geertz, 1989) visado. À pesquisa bibliográfica e documental (May, 2004; Spink, 2000) junta-se a observação direta e participante (Zaluar, 1986) de um fenômeno que vem sendo por nós estudo há cerca de três anos. A identificação de narradores/as, pela técnica bola-de-neve (Weber, 1996), visou às narrativas da tradição oral e à busca de signos tangíveis, via registros fotográficos

cos e viodeográficos¹² concebidos como linguagem (Bittencourt, 1998; Cardarello *et al.*, 1998).

A observação direta e o uso de diários de campo (Brandão, 1998; Oliveira, 2002) se integram na perspectiva etnográfica de uma descrição densa (Geertz, 1989). Conversas no cotidiano (Menegon, 1999) e entrevistas semiestruturadas em tópicos-guia (Bourdieu, 1997; Jovchelovitch e Bauer, 2003; Gaskell, 2003), individuais e, se necessário, grupais (Gaskell, 2003), sempre que possível, são gravadas em aparelho digital e transcritas para apreensão do seu conteúdo. A seleção dos sujeitos da pesquisa é intencional: são moradores/as de Campo Maior, de categorias sociais, gerações, etnias e gêneros diversos. O *corpus* define-se à luz de princípios de densidade e saturação de informações (Gaskell, 2003; Weber, 1996). No processamento, leituras vertical e horizontal das entrevistas e conversas transcritas/anotadas visam à impregnação do seu conteúdo (Michelet, 1987) em unidades de sentido (Spink, 2000).

Lugares de memória: signos tangíveis, narrativas orais e inflexões

Quem transita pela BR 316 encontra a 7 km da sede do município de Campo Maior, em direção ao município de Parnaíba, norte do estado, a seguinte inscrição: "Batalha do Jenipapo, Berço da Independência" (Figura 1) em uma placa na forma de espinhadoras estilizadas, cruzando-se sobre a pista, em direção ao céu.

Esta inscrição, datada de 2006, gestão do governo estadual Wellington Dias, é indicativa do sítio da Batalha, onde se encontra o Monumento aos Heróis do Jenipapo (Figura 2), construído, na década de 1970, no governo Médici, na gestão estadual de Alberto Silva, com recursos provenientes do governo federal¹³.

Na construção, em concreto, uma sala de proporções modestas abriga peças de armamentos "da época", exemplares de mobiliário, vestimentas e utensílios rústicos, sem maiores cuidados estéticos de exposição ou catalogação¹⁴. Apenas dois funcionários: um misto de recepcionista e zelador, e um segurança. Há um livro de assinaturas para visitantes. Da parte externa superior do monumento acessada por uma escadaria, avista-se o riacho Jenipapo, que dá nome à Batalha. Nas paredes, excertos

⁹ A "[...] narrativa quase-romanceada de Abdias Neves, em *A Guerra de Fidié*, reorganiza antigas representações e formula outras, fundindo-se em torno do evento sociopolítico considerado o mais significativo da história piauiense, cognominado pelos autores nativistas locais de Batalha do Jenipapo" (Sousa, 2010, p. 260).

¹⁰ Encontra-se em curso dissertação de mestrado em Políticas Públicas/UFPI, de Juliana Cavalcante, na qual é feita uma análise desses discursos como uma sociografia da Batalha do Jenipapo.

¹¹ Além destas há inscrições honoríficas como Comendas do Governo do Estado do Piauí, nas comemorações anuais oficiais do 13 de março.

¹² A pesquisa encontra-se em andamento. Até o momento foram produzidas apenas imagens fotográficas.

¹³ Críticos desta representação "histórica" da Batalha afirmam que o monumento é uma construção orientada pelo Exército Brasileiro. Ainda não possuímos fontes seguras sobre este tema que será aprofundado na pesquisa.

¹⁴ Há uma polêmica quanto à datação destas peças. Mas até o momento não se conhecem pesquisas a respeito. Fomos informadas de uma tese de doutorado, em curso, sobre o patrimônio material da Batalha do Jenipapo a qual deverá lançar luzes sobre o tema.



Figura 1. Imagem fotográfica da “placa” indicativa do Monumento aos Heróis do Jenipapo, Campo Maior (PI). Por Maria Dione Carvalho de Moraes, dezembro, 2010.

Figure 1. Photographic image of the “sign” that indicates the Monument to the Heroe of Jenipapo, Campo Maior (PI). By Maria Dione Carvalho de Moraes, December 2010.

de textos de historiadores e ensaístas, e, à entrada, um busto em bronze de Leonardo da Senhora das Dores Castelo Branco.¹⁵

Da cidade para o Monumento, uma via pública (Figura 3) desemboca na BR 316 e recebe o nome de “Avenida Heróis do Jenipapo”. Nela, há estabelecimentos comerciais com nomes alusivos à Batalha¹⁶. No rol de logradouros públicos, o largo da Igreja de Santo Antônio (Figura 4)¹⁷ é lembrado como trajeto dos combatentes do Jenipapo que teriam saído do largo da Igreja do Rosário e passado pelo da Igreja de santo Antônio, cujo prédio atual data de 1944, como lembra a Sra. Maria do Carmo (recebedora de dízimos da Igreja), em conversa informal.

A história monumental da Batalha do Jenipapo deve um olhar retrospectivo à comemoração do seu centenário, em 1923, quando foi construído no sítio da luta um monumento aos mortos da Batalha, na forma de obelisco (Figura 5a). No mesmo local, um cemitério simbólico, com montes de pedras e um crucifixo, à guisa de túmulos, nos lugares onde supostamente os combatentes foram mortos e sepultados (Figura 5b). A partir de então, esse território simbólico com imagens cristãs que remetem ao catolicismo popular torna-se lugar de práticas devocionais às “almas do batalhão”, ou seja, os mortos combatentes¹⁸ (Cavalcante, 2004). A propósito, Carlos Drumond de Andrade poetou: “No cemitério de Batalhão/ os mortos do Jenipapo/ Não sofrem

chuva nem sol/ o telheiro os protege/ Asa imóvel na ruína campeira” (Andrade, 2006, p. 71).

Monumento, no sentido original do termo, significa uma obra criada pela mão humana, edificada com um propósito preciso: conservar presente e viva, entre gerações, a lembrança de uma ação e/ou destinação, embora não seja apenas a destinação original o que confere significação aos monumentos, os quais são sempre (re)significados no presente (Lordelo e Lacerda, 2007). Em seus múltiplos sentidos, refere:

1 obra artística (escultura, arquitetura etc.), geralmente grandiosa, construída com o fito de contribuir para a perpetuação memorialística de pessoa ou acontecimento relevante na história de uma comunidade, nação etc. 1.1 mausoléu impõente que presta homenagem póstuma às vítimas de alguma catástrofe ou acontecimento histórico de resultados funestos; 2 qualquer edificação de grande estatura, cujas dimensões, estética, imponência despertam admiração; 3 [...] [por extensão da acepção 1] obra artística de grande vulto, que se perpetua no tempo pelo seu alto valor artístico [Ex.:] a Encyclopédia, dos iluministas franceses, é um verdadeiro monumento; 4 [...] [por extensão das acepções 1 e 2] qualquer coisa cujas proporções sejam colossais; 5 sobrevivência, na memória, de alguma coisa significativa para alguém ou para um grupo social; recordação, lembrança; [...] 7 documentos diversificados (fotografias,

¹⁵ Tido como um dos agitadores liberais do tempo, este, no entanto, não se constituiria em figura de proa da Batalha do Jenipapo. A presença do seu busto à entrada do Monumento expressa as disputas que se travam no campo da memória social (Moraes e Fonseca Neto, 2007).

¹⁶ Não se restringindo ao espaço público, a memória da Batalha é açãoada, ainda, para nominar estabelecimentos particulares. O mapeamento desses lugares encontra-se em curso na pesquisa.

¹⁷ Santo Antônio tem presença marcante na religiosidade católica de Campo Maior, que o celebra, como padroeiro da cidade, no mês de junho, nos “festejos de santo Antônio”

¹⁸ Circula, ainda, na cidade, uma narrativa espírita de cunho kardecista, sobre as almas do Batalhão. Esta narrativa está por ser melhor verificada nesta pesquisa.



Figura 2. Monumento aos Heróis do Jenipapo, Campo Maior (PI): detalhes do exterior (2a e 2c) e do interior (2b e 2d). Por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro, 2010.

Figure 2. Monument to the Heroes of Jenipapo, Campo Maior (PI): details of the exterior (2a and 2c) and interior (2b and 2d). By Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, December 2010.

peças, papéis diversos, textos literários etc.) que constituem acervo significativo para o estudo da história da humanidade e das nações. [...] do latim, monuméntum, moniméntum e moliméntum, "o que traz à memória, lembrança e penhor de amor, o que faz lembrar um morto, túmulo, estátua" (Instituto Antônio Houaiss, 2001).

Como memória viva, no dizer de Choay (2001), monumentos têm a importante função de tocar pessoas e coletividades, pela emoção. Isto significa que o monumento atua sobre a memória tanto trabalhando-a e mobilizando-a pela mediação da afetividade, quanto fazendo vibrar o passado como se fosse presente. Como dito por Halbwachs (1990), o passado é acionado e ressignificado pelo trabalho da memória, o que em Freud (1976b) corresponde ao como ele é editado no presente, com o concurso do desejo.

Este passado acionado no presente pode, de forma direta, contribuir no processo de construção identitária de comunidade étnicas, religiosas, nacionais, tribais, familiares. Monumento, tudo aquilo edificado por uma comunidade de indivíduos, tanto para rememorar quanto visando a que outras gerações rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças, funciona como dispositivo de segurança, no plano simbólico, conjurando o ser do tempo e constituindo garantia das origens. Contribui para dissipar inquietações oriundas da incerteza dos começos e desafia à entropia da ação dissolvente do tempo, tentando combater a angústia da morte e do aniquilamento (Choay, 2001). Nesta direção, entre imagens e narrativas onde mito e história se cruzam, a memória social da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior, interpela a reflexão sobre identidades e patrimônio culturais. Assim dizem narradores:

Então, a nossa história foi contada toda desmantelada [...] Na verdade, essa história da Batalha do Jenipapo ela foi apagada por cento e oitenta [180] anos. Só no governo de Lula e do Wellington Dias que essa história está sendo bem divulgada e está sendo esclarecida. Hoje, o Brasil inteiro sabe que a Independência do Brasil foi em Campo Maior que aconteceu. Trinta [30] anos atrás, ninguém podia falar nesses termos porque se falasse era ameaçado de cadeia por causa do bendito acordo que foi feito na época. Eu luto com essa história desde mil novecentos e setenta [1970], perguntando a A e bê [B], como foi e como não foi. Em mil novecentos e setenta [1970] eu conversava com gente que tinha cento e cinco [105] anos de idade, lúcido, contando direitinho, essa pessoa nasceu no mesmo século da Batalha ao vivo, então essa história que essa pessoa me disse, essa história é verdadeira, mas ninguém podia expor ela para uma pessoa que era metido a rico, porque ele imediatamente ameaçava a gente. O nosso rei foi dom Pedr, que foi quem gritou a Independência no dia sete de setembro de mil oitocentos e vinte e dois [1822], ninguém podia contestar contra ele, porque ele deu o grito de Independência no dia sete de setembro de mil oitocentos e vinte e dois. Mas naquele dia os portugueses não se entregaram. Aqui sim, houve uma guerra sangrenta, houve ganhador, houve um perdedor, as



Figura 3. Imagem fotográfica: vista da Avenida Heróis do Jenipapo. Por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro, 2010.
 Figure 3. Photographic image: view of the Avenue of the Heroes of Jenipapo. By Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, December 2010.



Figura 4. Imagem fotográfica: Igreja de Nossa Senhora do Rosário (4a) e largo do pátio da Igreja de Santo Antônio (4b). Por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro, 2010.

Figure 4. Photographic image: Church of Our Lady of the Rosary (4a) and off the courtyard of the Church of Santo Antonio (4b). By Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, December 2010

duas partes. Então, aqui, sim, foi feito justiça (Antônio Miranda, Campo Maior)¹⁹.

Olha, essa história ela é muito interessante, ela é contada de várias formas; a História é uma ciência muito bonita. Dizem que alguns historiadores deturpam ela por muito tempo. A nossa, até que ela não é contada de várias maneiras, não! Está entendendo? Ela é contada praticamente na mesma linha, do mesmo jeito. [...] Mais ou menos na mesma direção [dos textos escritos] até por que já tem alguns livros, inclusive, agora, na última comemoração da batalha do Jenipapo, eu vi um livro em quadrinhos que eu não sei quem é o autor²⁰. Então, aqui-

lo ali torna mais atraente até para criança. Criança gosta de gibi, então, ela é contada dessa forma, mesmo, tanto a escrita quanto a oral ela tem mais ou menos a mesma linha. Aqui na UESPI, eu não sei até que ponto os professores estão explorando essa coisa da batalha; mas também eu não conheço nenhum especialista em batalha do Jenipapo a não ser que os mestres ou especialistas em história do Piauí tenham muita coisa pra contar da batalha do Jenipapo. Eu, no momento, não conheço nenhum [que] tenha chegado até para a gente porque a gente gosta dessa coisa tudo. Enquanto aqui, “-ah! Mas eu só... É terra de heróis!”. Então dá aquela coisa, aquele sentido! Não só para Campo Maior, mas para o Estado todinho girar

¹⁹ Os trechos de entrevistas do senhor Antônio Miranda reproduzidos aqui, encontram-se em Moraes et al. (2007).

²⁰ O narrador refere Aurélio e Oliveira (2009).



Figura 5. Imagens fotográficas: Obelisco (5a), por Juliana Rodrigues Cavalcante, Campo Maior, novembro, 2011. Túmulos no "Cemitério das almas do batalhão" (5b), por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro, 2010.

Figure 5. Photographic images: Obelisk (5a), by Juliana Rodrigues Cavalcante, Campo Maior, November 2011. Tombs in the "Graveyard of the souls of the battalion" (5b), by Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, December 2010.

em torno da batalha com relação a essa data comemorativa (Francisco de Paulo da Silva, diretor – Universidade Estadual do Piauí, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior, 2010).

Ao contrário de buscar desvencilhar história e mito, neste trabalho de memória os mitos filtram da experiência coletiva elementos que os grupos desejam lembrar e ver lembrados, transformando-os em símbolos, de forma seletiva, em narrativas que dramatizam a visão de mundo e a experiência, em poderosas metáforas (Amado, 1995). Narrativas da religiosidade (Cavalcante, 2004) e práticas devocionais indicadas pela presença de ex-votos (Figura 6) no "Cemitério das Almas do Batalhão" chamam a atenção para o fato de esta Batalha, a despeito da rusticidade que a caracterizou, da heterogeneidade do seu "batalhão" e da inferioridade material dos vencidos, ser significada como um fato singular no processo de independência: tanto ilustra o vencedor, quanto heroiciza os vencidos (Cavalcante, 2004).

Palavras demarcadas pela ideia de os "inferiores" terem, de alguma maneira, se sobreposto aos "superiores" promovem uma inversão na hierarquia social, em um trabalho da memória que cruza o sertão, sobretudo, Campo Maior (Cavalcante, 2004). Registros historiográficos contam 19 mortos portugueses contra mais de 200 mortos nordestinos. Tais números ajudam a tecer uma narrativa mítica da "luta injusta", da Batalha como ato heróico, mito histórico-religioso do catolicismo popular fundado na devoção, na fé, sobretudo, no sofrimento (Pompa, 2004) das almas dos combatentes.

Acreditar que as almas dessas pessoas que morreram, e por a morte dessas pessoas a gente tende a acreditar que aquela alma pode salvar alguma coisa né? E a gente pode se pegar com ela. Pedi e alcancei uma graça pela uma perda do trabalho do meu marido que trabalhava no Estado, e eu me apeguei com as almas do batalhão: se ele fosse devolvido o trabalho dele, de volta, eu ia com ele no batalhão, de pé, e rezaria um terço e acendia um maço de vela para as almas do batalhão! Como eu alcancei essa graça, eu paguei a promessa (Dona Nazaré, Campo Maior, in Cavalcante, 2004, p. 7).

Cada uma coisa dessa representa um milagre, esse daqui [apontando] foi uma cabeça; esse daqui [...] dessa muleta, cada ano que ele vem aqui ele chora. Ele passou oito anos em cadeira de rodas, não tinha como caminhar, não caminhava para lugar nenhum, então ele fez o apelo às almas da Batalha do Jenipapo. Quando deu com três meses, ele começou a caminhar, assim, normalmente e, aí, veio pagar a promessa no ano dois mil [2000]. Esse ano mesmo [2006] ele esteve aqui. Cada vez que ele vê a muletinha dele, ele chora [...]. Aqui, faz muitos anos, desde mil novecentos e sessenta [1960] que eu conheço essa história das almas da Batalha do Jenipapo. Em mil novecentos e sessenta (1960) aqui era só um matagal doido! Tinha cruz em todo o campo, espalhada em todo canto, porque no dia da Batalha do Jenipapo quem morreu foi enterrado onde ele estava morto! [...] Passando dois anos morrendo gente e esse pessoal, realmente, ele morria lá e vinha ser enterrado aqui. Durante dois anos, o dia que morria menos, morria quatro pessoas. Por isso, é que



Figura 6. Imagens fotográficas de ex-votos no "Cemitério de Batalhão". Por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro, 2010.

Figure 6. Photographic images of votive pieces in the "Grave-yard of the Battalion". By Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, December 2010.

eu chamo aquelas placas [de] do acordo²¹. É porque lá [placas fixadas nas paredes do monumento] mostra que morria duzentos a quatrocentos pessoas e não corresponde com a realidade. Aqui, morreram mais de duas mil pessoas porque durante dois anos, morrendo [pelo] menos quatro pessoas [em] um dia pelo outro... Some dois anos para ver quanto dá! No dia da Batalha morreram menos de mil pessoas. Na revista veja na edição de junho de dois mil e quatro [2004] mostrou que seiscentos e trinta e duas pessoas [632] morreram no dia treze de março. Mesmo que tenha sido só essas seiscentos e trinta e duas, conte os que morreram durante os dois anos! Se ele foi ferido, não tinha médico, não tinha hospital, tinha os curandeiro, mas não foi suficiente para tratar dessas pessoas. Então, eles foram morrendo. Tudo foi consequência da Batalha do Jenipapo! (Antônio Miranda, zelador do Monumento aos Heróis do Jenipapo, Campo Maior, 2006).

Essa expressão da religiosidade aciona o imaginário de imagens do bem e do mal e o mito enlaça a mentalidade religiosa de sacrifício e salvacionismo, presente tanto nas falas de devotos/as quanto na retórica política relacionada ao acionamento desta memória:

[...] A religiosidade em torno da batalha ela é grande; o povo de Campo Maior e região tem uma mística muito grande de que aquilo dali é uma coisa sagrada. Eles fazem promessas, eles vão pagar. Qual é a maioria das promessas? Eu ouvia muito bem a minha mãe: “- olha, fulano de tal fez uma promessa para as almas do Jenipapo”. E qual é a promessa? Ir a pé e acender velas e voltar e ir para a missa. Então, essas são as promessas mais comuns: ir a pé, ir a uma certa distância. [...] É ir a pé até o monumento, até o cemitério. Então, a história da batalha do Jenipapo ela não é muito contada diferente não. Acho que a maioria das pessoas fazem a contagem dela como ela realmente aconteceu ou suponha que tenha acontecido daquela forma. [...] (Francisco de Paulo da Silva, diretor da Universidade Estadual do Piauí, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior, 2010).

Os mortos do Jenipapo são os mais vivos da história. Se tem uma coisa atual em Campo Maior é essa retórica que gira permanentemente em torno dos heróis do Jenipapo! A Batalha do Jenipapo, eu diria, pode ser considerada uma guerra santa, até, e também comunitária, pois, ao que se sabe, não havia arquitetos de guerra nem estrategistas, muito embora houvesse os planejadores, como a maçonaria, quem foi para a batalha do jenipapo foi o povo, incentivados pelas mulheres, elas vendiam suas jóias se reuniam na igreja [Santo Antônio], que mandaram os maridos e os filhos pra guerra. Essa historia se renova a cada dia, são os políticos que chegam até a usar em seus discursos o exemplo da coragem dos vaqueiros e roceiros da Batalha do Jenipapo, são os historiadores, que se valem dessa nomenclatura de heróis, de berço dos heróis. Justamente para refazer e recontar essa historia que é transmitida a todo filho de Campo Maior. Essa cultura é passada nas histórias dos mais

²¹ O narrador insiste no silêncio forçado, durante muito tempo, sobre a Batalha do Jenipapo, em Campo Maior. Com base nisto, questiona o número de túmulos representativos dos combatentes mortos e critica o fato como resultado de um "acordo", ou seja, uma decisão política na definição da quantidade de túmulos no cemitério.

velhos que fazem promessas a essas almas, por acreditar na cura que eles proporcionam às pessoas (Arnaldo Ribeiro, radialista, Campo Maior)²².

A reverência ao Cemitério das Almas do Batalhão não se limita às romarias. Tornou-se lugar escolhido como "última morada" por alguns, o que pode ser observado, pela diferenciação de túmulos, no local (Figura 7).

São pessoas que morreram depois da Batalha. Ali, quando morreram, pediram para serem enterrados aqui, mas o último que foi enterrado foi em mil novecentos e trinta e dois [1932]. Agora, só vai ser enterrado o Monsenhor Chaves²³ (Antônio Miranda, zelador do Monumento aos Heróis do Jenipapo, Campo Maior, 2006).

Se as narrativas orais da Batalha do Jenipapo elegem seus heróis, elas se constroem, também, pela alteridade, sobretudo, no que tange ao comandante das tropas portuguesas e aos próprios portugueses, como "o outro" dos combatentes "nacionais":

[Fidié]: Um homem muito perigoso, forte, valente e muito organizado também. Ele era um homem muito inteligente, que o governo português tinha a maior confiança nele. Ele esteve à frente de várias guerrilhas afora, Portugal, e vivia pulando de ilha em ilha, onde ele via desabitada ele pulava pra dentro, quando os donos apareciam dividia o grupo, uma parte pra defender o território e outra para roubar as riquezas, então, ele segurava até quando podia. Fidié nunca ganhou nenhuma guerra, mas deu muito trabalho, porque os objetivos dos portugueses naquele tempo era enriquecer, levar as riquezas daquela região (Antônio Miranda, zelador do Monumento aos Heróis do Jenipapo, Campo Maior, 2006).

Reiterando identificações com as almas dos vencidos, as narrativas clamam por uma maior atenção para tipos locais específicos do mundo sertanejo, como o vaqueiro, figura cantada e decantada, no Nordeste e no Piauí como "herói cultural" (Moraes, 2006), ou sobre mulheres daqueles sertões, cuja participação na Batalha também é decantada. Estes personagens encontrasse-iam aprisionados no interior das hierarquias ordenadoras dos grupos sociais no espaço e no tempo (Cuche, 2002) no âmbito das fabulações da vida social, principalmente no que tange ao monumento, incapaz de incorporar como narrativa épico-memorialista essas dimensões de estrutura social e de gênero?

Na minha visão foi muito interessante porque a história é falada mais nos portugueses deixando de lado o vaqueiro.

Não se vê no monumento o vaqueiro, só os canhões. O vaqueiro está lá no fundo do monumento: morto no cemitério do qual, se você prestar atenção, todo túmulo tem um pau d'arco. Mas não sei por que o cemitério fica lá no fundo do monumento. O vaqueiro aqui na cidade já é mais visto nas praças e também no mercado central da cidade através de umas pinturas de azulejo, e por causa também que aqui tem muito vaqueiro bom tocador de baião dos quais estes hoje são as almas que curam e estes mesmos vaqueiros, que só foram com machados, foices e facões que lutaram pela independência sofreram, sabiam, eu acho, que iam perder essa batalha, mas foram mesmo assim. A luta foi injusta, mas eles perderam a batalha, mas venceram a guerra. E também as mulheres, figura importante nessa batalha, ninguém fala muito (Zé Didor, Campo Maior).²⁴

De fato, a monumentalização desta memória se encontra presente, em diferentes proporções físicas, em diversas marcas tangíveis espalhadas na cidade: um painel de azulejos coloridos, instalado na praça Bona Primo, no final da década de 1960, reproduz em uma de suas faces a Batalha do Jenipapo e, na outra, a figura do vaqueiro (Figura 8).

Mais recentemente, um Memorial localizado na Praça Bona Primo, instalado em 12 de março de 2010, propõe-se – como se lê em uma das placas, em texto assinado pela Prefeitura Municipal de Campo Maior – ser um " [...] registro dos fatos e decisões político-administrativas que marcam o heroísmo do povo de Campo Maior". Este Memorial comprehende 18 placas metálicas com inscrições diversas, dispostas em fileira dupla e apoiaadas, individualmente, em uma base de concreto pintada na cor branca. As inscrições de textos de variados autores locais ou piauienses versam sobre o município de Campo Maior, sobretudo, sobre a Batalha do Jenipapo (Figura 9).

Outros signos difusos encontram-se na cidade, em denominações – de instituições públicas – alusivas à Batalha ou à data 13 de março, como a Câmara Municipal "Palácio do Jenipapo" e o Batalhão da Polícia Militar "Quartel do Jenipapo" (Figura 10)

No que tange ao primeiro, diz o presidente da Câmara Municipal:

Bom, na verdade esse prédio [...] já foi sede de clube social da elite do passado; há uns cinquenta anos já funcionou mercado público, já funcionou o fórum da justiça e por último foi cedido, foi doado para câmara municipal; esse prédio é um prédio histórico e nós denominamos palácio do Jenipapo, dada a sua importância que é essa batalha do Jenipapo nós tivemos o cuidado de homenagear a batalha com o nome palácio do Jeni-

²² Entrevista realizada em 16/11/2004, por Juliana Rodrigues Cavalcante.

²³ Escritor piauiense que, ainda em vida, escolheu o cemitério do Monumento aos heróis da Batalha do Jenipapo para ser sepultado, chegando a iniciar a construção do seu túmulo, onde, no entanto, não veio a ser sepultado.

²⁴ Entrevista realizada em 16/11/2004, por Juliana Rodrigues Cavalcante. O narrador é ex-diretor do Monumento aos Heróis do Jenipapo e atual proprietário de um "museu" particular da "memória de Campo Maior", montado por ele através de doação de pertences de pessoas que, como ele diz, "fizeram a história no município".



Figura 7. Imagens fotográficas do Cemitério das Almas do Batalhão, em Campo Maior (PI), onde se observam formas diferentes de túmulos (com ou sem lápide). Por Maria Dione Carvalho de Moraes, dezembro, 2010.

Figure 7. Photographic images of the Graveyard of the Souls of the Battalion in Campo Maior (PI), where different shapes of graves can be seen (with or without headstone). By Maria Dione Carvalho de Moraes, December/2010.



Figura 8. Imagens fotográficas do painel alusivo à Batalha do Jenipapo (8a) e do painel alusivo ao vaqueiro (8b). Por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro, 2010.

Figure 8. Photographic images of the panel that refers to Battle of Jenipapo (8a) and of the panel that refers to the cowboy (8b). By Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, December 2010.

papo. [...] Mais ou menos em meados dos anos oitenta [1980], oitenta e nove [1989] mais precisamente, oitenta e oito [1988] ou oitenta e nove, certo? [...] Foi um projeto de lei, instituição da própria câmara²⁵ [...]. Sugestão dos próprios vereadores [...] Todos os vereadores... Partiu a iniciativa de todos os vereadores, na época éramos 13 vereadores. [...] Com certeza! Participe graças a Deus! [...] [Foi por] unanimidade dada a importância que foi a batalha para a independência do país, não só do estado, mas do país, então a batalha se travou aqui nas margens do rio Jenipapo; você deve ter conhecido lá e tem importância histórica; esse prédio é tombado também.

Quanto à participação da população nesta definição, ele diz:

[...] para ser sincero, a população acata [...] Não contesta, mas a participação ainda hoje não... Nós não temos a participação efetiva da sociedade aqui nas sessões, nos debates. Quando tem a votação do orçamento do município as entidades comparecem. [...] [O decreto] foi iniciativa própria dos vereadores porque... Não houve resistência porque na verdade [...] há [identificação com a proposta] sim porque a nossa cultura aqui é de valorização dessa batalha. Tanto é que os dois poderes [legislativo e executivo] recebem nomes mais ou menos

²⁵ Na pesquisa documental, solicitamos cópia deste decreto, à Câmara Municipal de Campo Maior, solicitação, até o momento, não atendida.



Figura 9. Imagens fotográficas: o Memorial em seu conjunto (9a) e uma placa com texto sobre o 13 de março de 1823 (9b). Por Maria Dione Carvalho de Moraes, Campo Maior, dezembro/2010.

se assemelhando [...] com a situação do nosso município. Por exemplo, o poder legislativo é Palácio do Jenipapo em homenagem à guerra da batalha do Jenipapo; o executivo é Palácio das Carnaúbas em homenagem à árvore-providência que temos, aqui, que é a carnaúba... (Edivaldo Lima, presidente da Câmara Municipal de Campo Maior).

Quanto ao Batalhão, registramos a narrativa épico-nacionalista do seu sub-comandante:

Bom, acredito que o batalhão ele homenageou, tentou homenagear nossa batalha, nosso maior símbolo aqui em Campo Maior que é a batalha do Jenipapo ocorrida em treze [13] de março de mil oitocentos e vinte e três [1823] às margens do rio Jenipapo, então no ano de mil novecentos e setenta e três [1973] no governo do doutor Alberto Tavares Silva foi criado esta unidade aqui em Campo Maior da polícia militar e foi homenageada a batalha do Jenipapo em 1973 a batalha já tava com 150 anos já o sesquicentenário, né, da batalha do Jenipapo e foi homenageada essa unidade com o nosso maior símbolo aqui do município [...] normalmente na praxe militar é o próprio comandante que procura estudar os valores históricos, econômicos e sociais do local onde ele trabalha ele procura homenagear, acreditamos que sim [...] Sem dúvida, anualmente é renovado esse sentimento, através da solenidade do dia 13 de março que é realizado aqui em Campo Maior, esse sentimento é reavivado perante a tropa, com certeza, sem dúvida. (Subcomandante, Cléber Bezerra, Capitão da Polícia Militar, Campo Maior)

As falas desses representantes institucionais deixam entrever o entrelaçamento do discurso oficial e a própria história pessoal, a subjetividade construída na convivência com os sentidos partilhados e que circulam em Campo Maior.

Para a gente é motivo de orgulho. Eu sou filho aqui da terra e conheço a história desde a minha infância [...]. Para mim é motivo de orgulho ter ingressado na carreira militar e vir trabalhar aqui no meu município. [...] A gente ouvia muita coisa de várias pessoas, dos nossos professores, dos nossos parentes mais velhos, a questão do folclore e o simbolismo desse evento, Aí, é muito forte, aqui, perante a população campomaiorense. A gente, desde a infância, vem venerando, cultuando essa história. [...] Foi assim muito importante e significou muito para mim [e] sempre fantasiou o meu imaginário essa questão batalha do Jenipapo. [...] A gente quando participava indo ao local, a gente procurava imaginar como é que foi essa batalha, como é que lavradores, pessoas pobres, agricultores se juntaram e enfrentaram um batalhão de militares portugueses que estavam... Apesar que foi um levante que foi feito aqui, se a gente falar em simbolismo de guerra não significou, assim muito o combate e embate para as tropas portuguesas. Mas para nós brasileiros foi um significado muito importante. A gente, aqui, tem a ideia que foi realmente, aqui, foi a primeira batalha sangrenta que colaborou efetivamente, para independência do nosso país. Então, isso é muito importante para a gente, para nós campomaiorense. Principalmente para nós, militares, que tentamos cultuar isso e levar essa história para a frente (Subcomandante, Cléber Bezerra, Capitão da Polícia Militar, Campo Maior).



Figura 10. Imagens fotográficas das placas dos prédios da Câmara Municipal (10a) e do Quartel da Polícia Militar (10b), em Campo Maior. Por Maria Dione Carvalho de Moraes, dezembro, 2010.

Figure 10. Photographic images of the plates of the buildings of the Town Council (10a) and the Military Police Headquarters (10b) in Campo Maior. By Maria Dione Carvalho de Moraes, December, 2010.

Além das referidas inscrições, a memória da Batalha está gravada, também, nas sedes de instituições de ensino como a Universidade Estadual do Piauí e a "Unidade Escolar 13 de Março" (Figura 11). No que tange à UESPI, o seu diretor refere a origem da denominação Heróis do Jenipapo atribuída ao *campus* há mais ou menos dez anos, no primeiro mandato do governador Wellington Dias, no período de 2003 a 2007, e a sua própria identificação com esta denominação:

Na realidade esse nome Campus Heróis do Jenipapo é o projeto do deputado João de Deus da assembleia legislativa [do estado] não me recordo bem o nome, mas isso é fácil de a gente descobrir depois. E ele tem uma importância relevante porque Campo Maior gira em torno da Batalha do Jenipapo, né? Ou pelo menos seria para isso, pelo menos seria para girar em torno da Batalha do Jenipapo. Por que ela é importante? Porque um prédio de uma grandeza muito grande ele é um prédio muito bonito apesar de estar um pouco estiolado, então, os estudantes se sentem bem com esse nome, a população se sente bem e o povo já absorveu o nome Heróis do Jenipapo no campus de Campo Maior, tanto em Campo Maior, como em outros campus que a gente tem contato direto com eles, né? Para Campo Maior esse nome é importante, porque se nós observamos, nós temos dois grandes prédios com esse nome que é a UESPI [Universidade Estadual do Piauí] Campus Heróis do Jenipapo, e me parece que o quartel da polícia [militar] também é Heróis do Jenipapo. Então, essa é a importância para a gente, de levar esse nome. A gente se sente bem, a gente se sente bem representado pela batalha do Jenipapo. Apesar de ela estar um pouco abandonada, ao longo desse tempo a gente tem tentado fazer com que a gente eleve mais e mais o nome da batalha do Jenipapo para o mundo e o Piauí, principalmente, para o Brasil que é muito difícil a gente levar (Francisco de Paulo da Silva, diretor – Universidade Estadual do Piauí, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior).

Por outro lado, denuncia dificuldades da instituição para levar adiante pesquisas sobre a própria Batalha do Jenipapo, os desafios desta tarefa e as expectativas alimentadas pelo ideário de ser "herói do Jenipapo":

Eu quero dizer que as nossas autoridades principalmente as municipais não levam em consideração esse ato importante que foi nosso. [...]. É difícil porque, conversando com alguns historiadores, eles dizem o seguinte: “- para a gente poder difundir, divulgar a batalha, heróis, a Batalha do Jenipapo a nível nacional é preciso que a gente tenha pesquisa, é preciso que a gente tenha teses, é preciso que a gente tenha mestres, doutores levando cada vez mais a Batalha do Jenipapo a esses rincões, tanto no Piauí, como no Brasil”. Nós temos visitantes que chegam do Rio Grande do Sul, às vezes, quando vão passando para Fortaleza [Ceará], ou para Parnaíba [litoral piauiense] que chegam ao monumento, que passam por aqui, ficam admirados daquela coisa e não sabem nem o que significa, você está entendendo? Nós, em termos de Campo Maior, eu acho até o seguinte: que as nossas escolas exploram muito pouco esse tema heróis do Jenipapo, essa coisa da Batalha do Jenipapo. [...]. Eu já [...] disse o seguinte: “- a gente tem que passar por aqui no curso de história e deixar a nossa história! Vamos começar a fazer a história de Campo Maior pela universidade já que a gente não consegue fazer pelo ensino fundamental e médio, vamos começar pelo ensino superior!” Nós temos mestres, nós vamos ter doutores, então, a gente está tentando fazer elevar cada vez mais, aqui, na universidade. [...] A Batalha do Jenipapo, aqui, ela está começando a ser trabalhada agora porque o curso de história é um curso novo. Agora que saiu a primeira turma. É! Está se preparando a segunda turma e na época que essa primeira turma, esse curso de história foi implantado, eu não tinha um professor efetivo! Nós temos um professor de história, agora, que ele é efetivo, mestre. A gente está esperando, agora, para o próximo concurso mais três mestres ou doutores, né? E tentando. Já chamei os alunos, já chamei o coordenador para a gente começar a fazer

pelo menos um minimuseu, para a gente começar [a] elevar cada vez mais a batalha do Jenipapo. Me interessa. Isso me interessa muito. [...] Poderão compor um museu municipal ou aqui dentro da UESPI. Acho que seria o local ideal. A maioria desse acervo se encontra na mão de um particular [...]. Alguns objetos de valor histórico de Campo Maior que é a memória da gente se encontra no museu do Zé Didor. Aí você me pergunta: “- professor, o que o senhor já fez pra tentar resgatar? Na realidade, eu já conversei com alguns advogados. O problema é que foi doado por um magistrado e para isso a gente teria que comprar uma briga muito grande com o judiciário. Teremos que começar pela procuradoria do Estado. Eu não sei até que ponto esse povo vai querer entrar nessa outra batalha pela gente. A nossa ideia [...] é o projeto do laboratório de som e imagem para o curso de história, para a gente pelo menos tentar pegar os documentos que tem lá e pelos menos escanear para a gente ficar com o acervo [...]. Para os estudantes terem mais acesso a esse material que é muito difícil para a gente, né? [...] E a gente tem todo um interesse de fazer. Isso é possível a partir do [...] que estes professores efetivos chegam, a gente tenha projetos para andar para a frente. [...]. Então, a gente, agora que os professores estão chegando, está tentando fazer e vamos ver. A dificuldade é grande, mas a gente consegue; Afinal somos heróis do Jenipapo! (Francisco de Paulo da Silva, diretor – Universidade Estadual do Piauí, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior).

A “Unidade Escolar 13 de Março”, outro ícone da memória, é uma escola da Rede Estadual de Ensino, do fundamental ao médio. Seu diretor ressalta a importância do nome da escola em homenagem à Batalha. Segundo ele, o corpo de professores é quase todo formado no “Colégio das Irmãs” (Unidade Escolar Nossa Senhora de Lurdes- Patronato), com valores entre os quais estão os símbolos pátrios, inclusive da Batalha. Assim, ele fala do contraste com novas gerações as quais, no seu modo de ver, não

demonstram o mesmo interesse. Sobre se esta escola participa de modo especial nas comemorações anuais do 13 de março, ele diz:

Não diretamente. Nos envolvemos em atividades. Assim, há grupos voltados para temas do município. A batalha se insere aí. No ensino médio os alunos estudam a batalha em história do Brasil [mas] não dão muita importância [ao tema]. Não adianta dizer que dão, que apresentam entusiasmo. Não é assim! (Antônio de Brito Gomes, Diretor da Escola 13 de Março, Campo Maior).

Certamente, a memória da Batalha do Jenipapo não é unívoca, mas dividida, no sentido de Portelli (2006), sobre memória coletiva: por um lado, elegia e gestas épicas; por outro, críticas quanto à construção de metanarrativas heróicas. Há quem veja as comemorações do 13 de março como uma montagem feita todos os anos, um “circo do 13 de março”, como diz Assis Lima, professor de História, presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Ensino - SINTE, de Campo Maior. Para ele, falar em “armas de populares” mitifica o heroísmo de um povo submetido a relações de poder de uma elite em condições intelectuais de convencimento e que teria instigado a plebe de um país escravocrata para a luta.

A crítica de Assis Lima volta-se ainda para o culto a determinados personagens: “Castelo Branco tem um busto lá quando na verdade não participou [da Batalha]. Ele participou antes de um evento e foi até preso”. E converge com a fala do professor Francisco de Paulo da Silva, da UESPI, quando este critica o acervo particularizado por Zé Didor. Para este narrador, há verdades históricas a serem restabelecidas, e cuja aproximação é possível na perspectiva historiográfica como discurso capaz de chegar à “verdade factual”, diferentemente de outros como o jornalismo, por exemplo.



Figura 11. *Campus Heróis do Jenipapo (UESPI) (11a) e Unidade Escolar 13 de Março (11 b), em Campo Maior. Por Maria Dione Carvalho de Moraes, dezembro, 2010.*

Figure 11. Heroes of Jenipapo Campus (UESP) (11a) and March 13 School Unit (11b), in Campo Maior. By Maria Dione Carvalho de Moraes, December 2010.

Pelo menos para atingir o objetivo de um reconhecimento real, maior, dar uma importância maior. Primeiro: desmistificar essa questão de transformar uma batalha importante só em heróis porque o herói ele tem sua posição, independente da forma que você trabalha. [...] Não precisa você forçar porque na verdade a gente percebe... É acho que sim. O que faz essas coisas acontecerem, então, como é feito muitas vezes por políticos e muitas vezes escrita por pessoas que não são da área. [...] O jornalista, por exemplo: escrever sobre a batalha do Jenipapo, sobre história, por exemplo. [Se] eu escrevo sobre a batalha do Jenipapo como jornalista, é fácil porque você não tem responsabilidade de defender ou questionar teses. Você simplesmente joga o que quer como um ato teatral que é muito mais interessante para as pessoas que leem, você sabe que, um comum, uma pessoa que não gosta de ler, [não] pega um livro de história [por]que vai ter que navegar em teses. [...] Pois é por isso que é mais trabalhado. Você diz assim: "Oh! A batalha do Jenipapo foi importante, morreram tantas pessoas!... [...] Depois, quando dizem que [as mulheres] venderam joias para [financiar a] batalha, [há] outro questionamento. Não se prova aquilo por nada, não se prova! Se prova que venderam joias para salvar o cara que estava, lá, preso em Portugal, um da corte. Mas não se prova que se vendeu joia [em benefício da Batalha]. Isso é um absurdo [...]! Até hoje, em todos os lugares que eu li, eu nunca encontrei nada que me dissesse que o povo vendeu joias para... (Assis Lima, professor de História, presidente do SINTE, Campo Maior).

Diz desconhecer narrativas da tradição oral além daquelas de heroicização dos combatentes. Para ele, a Batalha não é de fato valorizada – a não ser localmente – como deveria ser em todo Estado, e a inclusão do 13 de março na bandeira do PI, ocorrida em 2005, não é tão considerada por ser esta bandeira ainda pouco usada até mesmo em Campo Maior.

Considerações finais

Tratamos, aqui, do tema da memória social do evento histórico referido como Batalha do Jenipapo em Campo Maior (PI), buscando articular fontes orais e imagens patrimoniais (em sentido lato) da Batalha. No processo, ouvimos pessoas da cidade, de populares a representantes da *intelligentzia* local, numa perspectiva panorâmica dos diversos atores sociais, sua relação com o tema e suas falas, assim como registramos imagens fotográficas de inscrições diversas.

Buscamos apontar para dimensões de um processo que se abre para múltiplas interrogações. Nos limites deste trabalho, demonstrarmos a presença de uma memória polisêmica e polifônica que aciona discursos de sujeitos individuais e coletivos diversos. Há convergências e divergências, seja na historiografia/ensaísmo, seja na tradição oral, e entre ambas. De fato, há indícios de disputas diversas no campo da memória social da Batalha do Jenipapo em Campo Maior, mas parece haver um substrato comum: a Batalha como fato histórico (sujeito a múltiplas interpretações) e como representação simbólica sempre (re)significada, como um patri-

mônio cultural que desafia a pesquisa a decifrar seus sentidos e significados, sem deixar de considerar que os vários discursos: história, mito, tradição oral, linguagem monumental, constituem dimensões que se encontram em circularidade, mesmo quando, aparentemente, de forma contraditória ou numa memória dividida. Este substrato comum aponta para marcadores identitários locais-regionais e para o desejo de protagonismo na cena histórico-nacional.

Referências

- ALBERTI, V. 2005. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *História Oral*, 8(1):11-28.
- AMADO, J. 1995. Região, sertão, nação. *Estudos históricos*, 8(15):145-151.
- ANDRADE, C.D. 2006. Cemitérios. In: C.D. ANDRADE. *José & outros* - Rio de Janeiro, Best Seller, p. 71.
- ANICO, M. 2005. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade *Horizontes Antropológicos*, 11(23):71-86. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000100005>
- APPADURAI, A. 1990. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: M. FEATHERSTONE, *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, Vozes, p. 311-327
- AURÉLIO, B.; OLIVEIRA, C. 2009. *Foices e facões: a Batalha do Jenipapo*. Teresina: Quadrinhos do Piauí Editora, 176 p.
- BAKHTIN, M.M. 1979. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 203 p.
- BAKHTIN, M.M. 1996. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec, 419 p.
- BENJAMIN, W. 1975. O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov. In: W. BENJAMIN, *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, p. 63-81.
- BITTENCOURT, L. A. 1998. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: B. FELDMAN-BIANCO; M.L.M. LEITE (orgs.), *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papirus, p. 197-211.
- BOSI, E. 1994. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 484 p.
- BOURDIEU, P. 1997. *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, 747 p.
- BRANDÃO, C.R. 1998. Cenários e momentos da vida camponesa: três dias de caderno de campo em uma pesquisa no Pretos de Baixo do Bairro dos Pretos, em Joanópolis, São Paulo. In: A.M. NIEMEYER; E.P. GODOI (org.), *Além dos territórios*. Campinas, Mercado de letras, p.133-166.
- CANCLINI, N.G. 1997. *Culturas híbridas e estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, USP, São Paulo, SP: USP, 385 p.
- CANCLINI, N. 1994. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do IPHAN*, 23:94-115.
- CARDARELLO, A.; FONSECA, C.; GODOLPHIN, N.; ROSA, R. 1998. Nos bastidores de um vídeo etnográfico. In: B. FELDMAN-BIANCO; M.L.M. LEITE (orgs.), *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papirus, p. 269-286.
- CAVALCANTE, J.R. 2004. *Do passado de facões e canhões ao presente de velas e promessas: o movimento religioso no Monumento aos Heróis do Jenipapo na cidade de Campo Maior- Piauí*. Teresina, PI. Trabalho de Conclusão. Universidade Federal do Piauí, 11 p.
- CHAVES, J. 1993. *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 639 p.
- CHOAY, F. 2001. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo, Estação Liberdade/UNESP, 282 p.

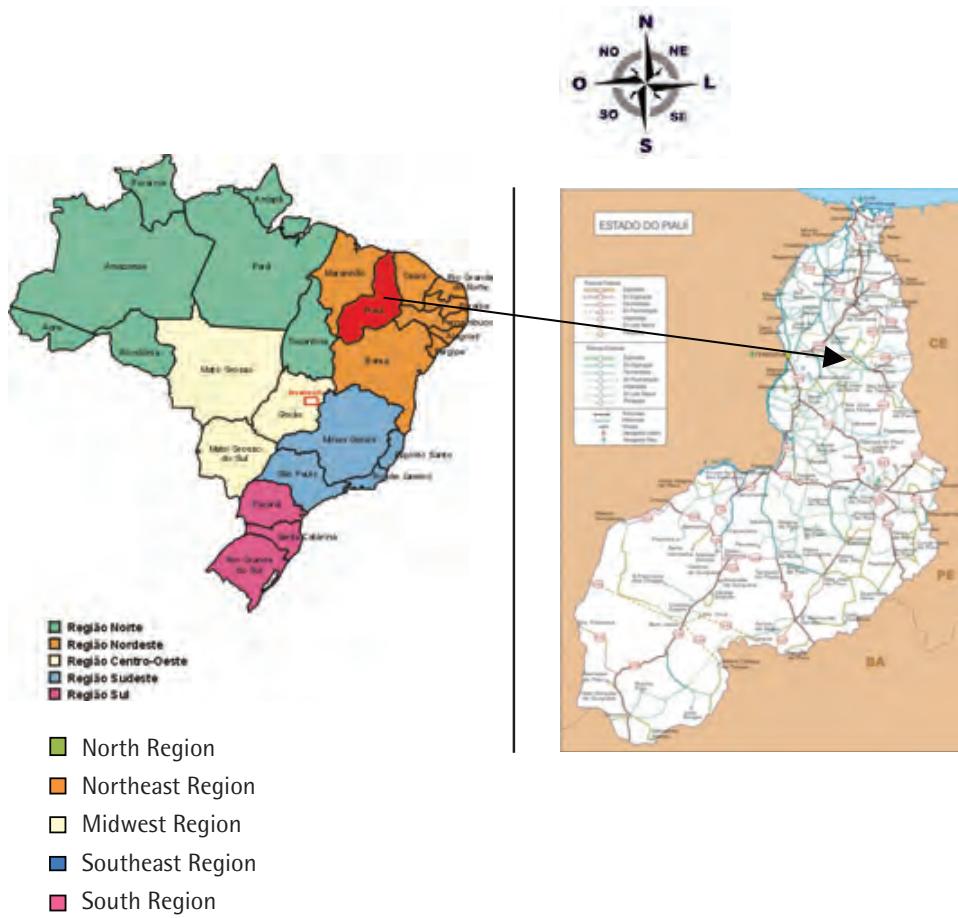
- CONNERTON, P. 1993. *Como as sociedades recordam*. Oeiras, Celta Editora, 119 p.
- CORREA, A.F. 2008. Patrimônios bioculturais: ensaios de antropologia das memórias sociais e do patrimônio cultural. São Luis, EDUFMA, 218 p.
- CUCHE, D. 2002. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC, 256 p.
- DEHEIZELN, L. 2006. Economia criativa: uma tentativa de definição. *Cultura e Mercado*, São Paulo, Instituto Pensarte. Disponível em: <http://www.culturaemercado.com.br/conversacao/pontos-de-vista/economia-criativa-uma-timida-tentativa-de-definicao-parte-2/>. Acesso em: 23/09/2011.
- DIAS, C.M.M. 1999. Sertanejos armados na guerra. In: C.M.M. DIAS, *O outro lado da história: o processo de independência no Brasil visto pelas lutas no Piauí – 1789/1850*. Rio de Janeiro, PPGHS, p. 242-358.
- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. 1994. *Social memory*. Cambridge, Blackwell, 229 p.
- FONSECA NETO, A. S. 2007. O Piauí e a Independência (panfleto, palácio, gente). In: R.N. SANTANA; C. SANTOS (orgs.), *O Piauí e a unidade nacional*. Teresina, Fundapi, p. 9-49.
- FREUD, S. 1976a. Lembranças de infância e lembranças encobridoras. In: S. FREUD, *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro, Imago, vol. 6, p. 67-76.
- FREUD, S. 1976b. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise). In: S. FREUD, *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, vol. 12, p. 191-203.
- GASKELL, G. 2003. Entrevistas individuais e grupais. In: M.W. BAUER; G. GASKELL (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, p. 64-89.
- GEERTZ, C. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 323 p.
- GINZBURG, C. 1987. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 309 p.
- GODOI, E.P. 1999. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas, UNICAMP, 165 p.
- GOMES, L. 2010. O mais trágico dos confrontos na guerra da independência. In: L. GOMES, 1822. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 187-193.
- GONÇALVES, J.R.S. 2003. O patrimônio como categoria de pensamento. In: R. ABREU; M. CHAGAS (orgs.), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DPtA/Faperj/Unirio, p. 21-29.
- GONÇALVES, J.R.S. 2002. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: L.L. de OLIVEIRA (org.), *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 108-123.
- GONÇALVES, J.R.S. 2001. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: P. FRY; N. ESTERCI; M. GOLDENBERG (orgs.), *Fazendo antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro, DPtA/Fundação Capes, p. 15-33.
- GONÇALVES, J.R.S. 1996. *A retórica da perda: discurso nacionalista e patrimônio cultural no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 152 p.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 189 p.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAIS. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2.048 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2002. *Perfil dos municípios brasileiros*. Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/munic>. Acesso em: 14/11/2010.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M.W. 2003. Entrevista narrativa. In: M.W. BAUER; G. GASKELL (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, p. 90-113.
- LEGROS, P.; MONNEYRON, F.; RENARD, J-B.; TACUSSEL, P. 2007. *Sociologia do imaginário*. Sulina, Porto Alegre, 287 p.
- LORDELO, E.; LACERDA, M. 2007. Os monumentos e sua reprodutibilidade: mídias e valores. *RISCO: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, 6(2):35-48.
- MAY, T. 2004. *Pesquisa social – questões, métodos e processos*. Porto Alegre, Artmed, 288 p.
- MENEGON, V.M. 1999. Por que jogar conversa fora? In: M.J. SPINK (ed.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo, Cortez, p. 215-241.
- MICHELAT, G. 1987. Sobre a utilização de entrevistas não-diretivas em sociologia. In: M. THIOLLENT (org.), *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo, Polis, p. 191-211.
- MORAES, M.D.C. 2000. *Memórias de um sertão desencantado* (modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense). Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 475 p.
- MORAES, M.D.C. 2006. Do destino pastoril à vocação agrícola: modernização agrícola dos cerrados e inflexões discursivas nas narrativas mestras do Piauí. In: D. ELIAS; R. PEQUENO. *Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 484 p.
- MORAES, M.D.C.; CAVALCANTE, J.R. 2010. *Batalha do Jenipapo: lugares de memória em Campo Maior (PI)*. Projeto de Pesquisa. Teresina, 24 p.
- MORAES, M.D.C.; FONSECA NETO, A. 2007. *O povo sertanejo na Batalha do Jenipapo: memória, história, tradição oral no sertão de Campo Maior*. Projeto de pesquisa. Teresina, 30 p.
- MORAES, M.D.C.; FONSECA NETO, A.; COIMBRA, T. 2007. História, tradição oral, e memória no sertão de Campo Maior: o povo sertanejo na Batalha do Jenipapo (nas trilhas de uma pesquisa). In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE, VI, Ilhéus, 2007. *Anais...* Ilhéus, 21 p.
- MORAES, M.D.; VILELA, S.L.O. 2009. Consultoria Técnica Sobre as Cadeias da Carnaúba e do Babaçu no Estado do Piauí. *Relatório de Pesquisa*. (Versão preliminar). Teresina, 80 p.
- MORIN, E. 1998 [1984]. *Sociologia*. Mira-Sintra, Europa-América, 362 p.
- NEVES, A. 1974. *A guerra do Fidié*. Rio de Janeiro, Artenova S/A, 333 p.
- NORA, P. 1993. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10:7-28.
- NUNES, O. 1975. A Independência do Brasil, especialmente no Piauí. In: O. NUNES, *Pesquisas para a história do Piauí*. Rio de Janeiro, Artenova, vol. II, 189 p.
- OLIVEIRA, R.C. 2002. *Os diários e suas margens*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 346 p.
- OLIVEIRA, R.C. 2007. *O ofício do antropólogo ou como desvendar evidências simbólicas*. Brasília, UnB, 21 p. (Série Antropologia, n. 413).
- POMPA, C. 2004. Leituras do "fanatismo religioso" no sertão brasileiro. *Novos Estudos CEBRAP*, 69:71-78.
- PORTELLI, A. 2006. O massacre de Civitela Val de Chiana (Toscana, 29 de junho de 1994): moto e política, luto e senso comum. In: J. AMADO; M. MORAES (orgs.), *Usos e abusos em história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 103-130.
- REIS, A.C.F. 2007. *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura*. Bauru, Manole, 383 p.
- REIS, A.C.F. 2009. *Economia da cultura e desenvolvimento: estratégias nacionais e panorama global*, 7 p. Disponível em: <http://www.gestaocultural.org.br/pdf/Ana-Carla-Fonseca-Eco-Cult.pdf>. Acesso em: 03/01/2011.
- SCHUTZ, A. 1979. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 319 p.

- SILVA, L.H.M. 2008. *O povo sertanejo na Batalha do Jenipapo: memória, história e tradição oral no Sertão de Campo Maior*. Relatório. Teresina, UFPI, 52 p.
- SMITH, A.D. 1990. Para uma cultura global? In: M. FEATHERSTONE, *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, Vozes, p. 183-206.
- SOUZA, P. G. C. *História e identidade: as narrativas da piauienidade*. Teresina, EDUFPI, 470 p
- SPINK, M.J.P.; LIMA, H. 2000. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: M.J. SPINK (org.), *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano* (org). São Paulo, Cortez Editora, p. 93-122.
- SPINK, P. 2000. Análise de documentos de domínio público. In: M. J. SPINK (org.), *Práticas_discursivas e produção de sentido no cotidiano*. São Paulo, Cortez Editora, p. 123-151.
- VANSINA, J.A. 1982. Tradição oral e metodológica. In: UNESCO (org.), *História geral da África*. São Paulo, Ática/UNESCO, p. 25-49.
- WEBER, R. 1996. Relato de quem colhe relatos: pesquisa em história oral e ciências sociais. *DADOS: Revista de Ciências Sociais*, 39(1):163-183.
- YATES, F. 1975. *L'art de la mémoire*. Paris, Galimard, 432 p.
- ZALUAR, A. 1986. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: R. CARDOSO (org.), *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 107-125.

Submetido: 01/10/2011

Aceito: 09/10/2011

Anexo I



Mapas políticos do Brasil e do Piauí, com indicação da localização do município de Campo Maior.

Fonte: http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/imagens/brasil_regioes_gde.gif. Acesso em: 17/06/2011. Adaptados para fins do artigo.

Anexo II

